



**LYGIA FONSECA NA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL:
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Jeferson Dias



Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa documental e bibliográfica sobre o tempo em que a tenente Lygia Fonseca, enfermeira da Força Expedicionária Brasileira, esteve presente no campo de batalha da Segunda Guerra Mundial. As fontes pesquisadas e utilizadas no trabalho foram documentos, livros e artigos. A Força Expedicionária Brasileira, por ter levado homens e mulheres a defender o propósito de liberdade e patriotismo, forjou heróis que ainda não tiveram suas histórias reveladas, como é o caso da tenente Lygia Fonseca. Diante disso, faz-se necessária a realização da escrita e do registro deste artigo, como forma de difundir, relembrar, homenagear e cultuar aqueles que pela Pátria lutaram sem medir esforços.

Palavras-chave: Lygia Fonseca. Enfermagem Militar. Segunda Guerra Mundial. Força Expedicionária Brasileira.

INTRODUÇÃO

Com o propósito de reunir, pesquisar e difundir a história da tenente Lygia Fonseca, enfermeira da Força Expedicionária Brasileira (FEB), foi desenvolvido este artigo científico baseado em relatos publicados pelo Exército Brasileiro e familiares, sobre sua passagem e contribuição na guerra, e no próprio livro publicado pela enfermeira.

A intenção de pesquisar a rica vida da tenente Lygia Fonseca surgiu após a leitura do livro *Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo*, de autoria da major Elza Cansanção, que aborda um breve resumo sobre a passagem do segmento feminino no teatro de operações da Segunda Guerra Mundial e os desafios enfrentados pelas mulheres nos hospitais de campanha que serviram para resgatar, tratar e salvar os soldados brasileiros e americanos.

Ao aprofundar a pesquisa, surgiram diversos pontos curiosos sobre a tenente Lygia Fonseca, abrangendo seu heroísmo como militar e enfermeira. Suas diversas histórias relatadas no livro *Contando histórias*, de sua autoria, foram de suma importância para enriquecer o trabalho.

A FEB levou para os campos europeus homens e mulheres para defender o propósito de liberdade e patriotismo, muitos são os heróis e heroínas que por acaso do destino ainda não tiveram suas histórias contadas, como é o caso da tenente Lygia Fonseca, por isso faz-se necessário a realização desse artigo, como forma de relembrar e cultuar aqueles que pela Pátria lutaram nos campos de batalha sem medir esforços.

O trabalho surge da vontade e abnegação de trazer o conhecimento sobre a passagem dessa enfermeira que bravamente defendeu os princípios humanos e patrióticos, abdicando do conforto para lançar-se em um ambiente masculinizado e perigoso. A guerra pode ter sido um de seus maiores desafios, pois é preciso coragem e muito sangue frio para estar em um *front*.

Abstract: This paper aims to present the results of documentary and bibliographic research on the time when Lieutenant Lygia Fonseca, a nurse in the Brazilian Expeditionary Force, was present in the field during World War II. The sources used in the work were documents, books and articles. The Brazilian Expeditionary Force, for having taken men and women to defend the purpose of freedom and patriotism, forged heroes whose stories have not yet been revealed, as is the case of Lieutenant Lygia Fonseca. Therefore, it is necessary to write this article as a way of spreading, remembering, and honoring those who fought for their country without measuring their efforts.

Keywords: Lygia Fonseca. Military nursing. Second World War. Brazilian Expeditionary Force.



A História existe com o propósito de estudar o passado, entender o presente e planejar o futuro. Procura-se, com este artigo, apresentar a passagem da tenente Lygia Fonseca na Segunda Guerra Mundial e sua posterior carreira após o retorno ao Brasil, que, junto com as demais enfermeiras incorporadas ao Exército Brasileiro, abriu caminhos para ingresso do segmento feminino nas Forças Armadas, inspirando as militares da atualidade.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi necessária uma pesquisa documental, a qual

assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico. [...] (Gil, 2002, p.45).

Tendo em vista que há pouca literatura a respeito da atuação de Lygia Fonseca na Segunda Guerra Mundial, optou-se por esse método, aliado à pesquisa de campo e bibliográfica.

Dessa forma, essa última veio para agregar valor ao artigo científico, uma vez que foram utilizadas algumas referências no que tange a participação das enfermeiras da FEB na Segunda Guerra Mundial, como livros, artigos, sites específicos, fotos e documentos.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A CRIAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

O século XX foi acometido por duas grandes guerras que causaram enormes prejuízos à humanidade. A Segunda Guerra Mundial, em especial, contou com uma participação mais efetiva do Brasil. Após ter diversas embarcações afundadas no litoral por submarinos alemães e italianos, a soberania do país estava ameaçada. “O governo brasileiro relutou muito em escolher um lado na guerra, por diversas razões econômicas e ideológicas” (Roque, 2022, p. 42). Chegou um momento em que não se poderia mais fugir de uma escolha devido às pressões populares, políticas e militares, que pediam uma posição do governo acerca do envio de tropas para a Segunda Guerra Mundial. Foi neste momento que surgiu a célebre frase, “é mais fácil uma cobra fumar, do que o Brasil entrar na guerra”. Em resposta aos ataques à soberania do país e às pressões e pedidos de declaração de guerra à Alemanha, é criada, por meio da Portaria Ministerial nº 4744, no dia 9 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira para lutar nos campos do maior conflito armado do século. Como símbolo, a cobra fumando, reafirmando que o Brasil estava na defesa da Pátria.

Os militares, inicialmente, passaram por treinamentos para estarem aptos ao que futuramente enfrentariam do outro lado do Oceano Atlântico, afinal, o inimigo dessa vez era muito mais perspicaz, ardiloso e com uma vasta experiência, sem contar a parte do terreno e clima, muito diferentes do que é encontrado no Brasil. Esses militares embarcaram no ano de 1944 e foram fazer valer os juramentos proferidos nas Forças Armadas, defendendo a Pátria.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

Ao todo foram incorporados na FEB 25.834 militares, sendo destes 67 mulheres. A presença do segmento feminino no conflito representou um grande passo na presença da mulher em ambientes hostis, antes dedicados somente aos homens. Com esse feito, percebeu-se o trabalho excepcional que essas militares pioneiras desenvolveram no período da guerra.

LYGIA FONSECA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Enquanto isso, no Sul de Minas Gerais, uma jovem chamada Lygia Fonseca acompanhava tudo pelo jornal *Correio da Manhã*, atenta pelo rumo que o conflito se dava.

Nascida em 5 de março de 1902, na cidade de Três Corações, Lygia Fonseca era filha de Cândida Cornélia da Fonseca e Joaquim Garcia da Fonseca. Cresceu ao lado de seus irmãos e fazia parte de uma tradicional família da cidade.



Fig. 1 - Lygia Fonseca e sua família. Ela está assinalada com o nº 3.

Fonte: Espaço cultural da Escola de Sargentos das Armas

Lygia cursou os estudos primários e Normal, e, posteriormente, lecionou aulas como professora substituta no Grupo Escolar Bueno Brandão. Sempre dedicada e esforçada, aprendeu desde cedo a ser independente.

No início do ano de 1944, foi fundada em Três Corações, a Escola de Enfermeiras Socorristas Civis, sob a direção do dr. Jacy Kalil Auad. Seu corpo médico era composto pelos drs. Daniel de Melo Almeida, Vinicius Henriques Gonçalves e capitão médico Haroldo Moreira Gomes, todos integrantes da recém criada escola.

As aulas foram administradas no prédio da antiga escola Normal (hoje, em prédio moderno, funciona o Ginásio); também na sede dos Vicentinos, no andar térreo do sobrado da família Cassimiro Avelar, prédio já demolido. As aulas práticas no Hospital São Sebastião e também no consultório do Diretor do curso. (Fonseca, 1980, p. 52).



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

Após alguns meses, o curso chega ao fim com uma formatura no antigo cinema da cidade, Cine São Miguel, onde os diplomas foram entregues às recém formadas enfermeiras socorristas. Lygia Fonseca continuou o estágio no Hospital São Sebastião e no consultório do dr. Jacy Kalil Auad.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, foi mobilizado um grande contingente de militares para lutar em prol da soberania do país. Acompanhando as notícias pelo jornal, Lygia Fonseca deparou-se com um comunicado do Ministério da Guerra, convocando voluntárias para formação de enfermeiras.

Segundo o Decreto-lei nº 6097, de 13 de dezembro de 1943, criou-se no Serviço de Saúde do Exército o quadro de enfermeiras da reserva.

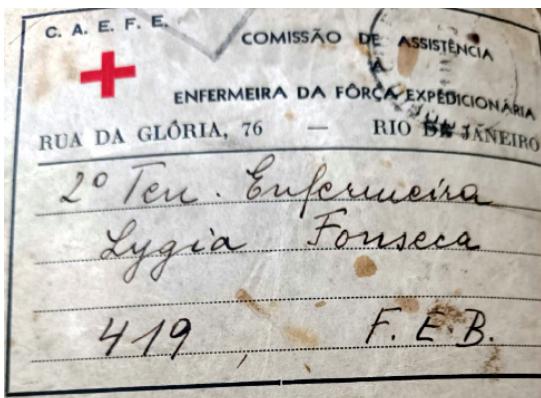


Fig. 2 - Carteira de enfermeira da FEB

Fonte: Espaço cultural da Escola de Sargentos das Armas

Tendo a oportunidade de servir ao seu país, Lygia Fonseca separa toda a documentação necessária e segue para a capital do Brasil, na época o Rio de Janeiro. Apresentou-se à Diretoria de Saúde do Exército, onde submeteu-se a exames médicos, obtendo resultado satisfatório. Ela continuou na cidade aguardando o término da primeira turma, que se efetivou vinte dias após sua apresentação.

Durante esse tempo abrigou-se na casa da família Craveiro, criando um laço de amizade e gratidão como descreve em um trecho de seu livro:

Lembrar-me-ei com saudade e reconhecimento, por todas as atenções e muito carinho a mim dispensados. D. Maria Augusta teve comigo preocupações maternais. Sempre risonha e gentil, deixando transparecer no seu sorriso, toda a sua bondade. (Fonseca, 1980, p. 53).

Após alguns dias, no auditório do Ministério da Guerra, foram iniciadas as aulas que se dividiram da seguinte maneira: aulas de conversação em francês, educação física, natação, ordem unida e guerra simulada. No Colégio Vera Cruz eram realizadas as aulas físicas, ao comando do tenente dr. Fernando Mangia, auxiliado por um sargento.

Na primeira aula de natação, Lygia, que ainda não sabia nadar, passou por um momento de horror. Ao pular na parte mais funda da piscina não conseguiu voltar à superfície, e, em um gesto de desespero, ergueu suas mãos para pedir socorro; agarrou-se nas pernas de uma das colegas sendo então, socorrida pela técnica de natação Maria Lenk. Um dos motivos do medo de água é que Lygia havia perdido uma irmã em consequência de afogamento.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

Sendo as primeiras mulheres a ingressarem nas Forças Armadas, as enfermeiras passaram por treinamento militar similar ao dos soldados e tiveram um curto prazo para se adaptarem à vida militar. Não havia uma figura feminina militar em quem pudessem se espelhar, afinal o ambiente era composto somente por homens. O segmento feminino era algo novo, era uma adaptação para elas e para os instrutores militares. Atualmente, o Exército Brasileiro conta com o segmento feminino em seu quadro de recursos humanos, todavia as instruções permanecem as mesmas independente do sexo do militar, com exceção dos índices de avaliação física.



Fig. 3 - Formatura do curso de enfermeiras socorristas

Fonte: Fonseca, op. cit.

Depois dos treinamentos no Colégio Militar, as enfermeiras foram transferidas para o pronto socorro, onde passavam toda a parte da manhã trabalhando. Após o horário do almoço, seguiam para o Ministério da Guerra esperando a ordem de embarque. Poucos dias depois chegou, por meio do major Paulino, o comunicado para prepararem suas bagagens. Entre uma das providências a serem tomadas estava passar no tabelião para informar quem deveria ser avisado caso houvesse “notícia desagrádável”, ou seja, o óbito na guerra.

A enfermeira Lygia Fonseca embarcou no dia 30 de outubro de 1944 no aeroporto Santos Dumont, Rio de Janeiro.

Às 7 e meia da manhã, despedimo-nos do major Paulino de Melo; tivemos ordem de embarque. Fomos avisadas que não poderíamos ser acompanhadas de familiares, embora fossemos soldados, uma despedida é sempre triste. Tomamos nossos lugares; logo o avião levantou voo e lá fomos nós, representando a mulher brasileira, num esforço de guerra por aquele céu afora. (Fonseca, 1980, p. 63).

Como afirma Oliveira et al. (2017, p. 5), “após embarcarem com frações do efetivo da FEB, elas tiveram como destino final a Itália fascista.” Lygia Fonseca fez diversas paradas antes de chegar ao destino, como Salvador, Natal, Dacar (no Senegal), deserto de Tindouf, Casablanca (Marrocos), aeroporto de Oran, aeroporto de Argel, aeroporto de Tunis e, finalmente, desembarcaram em Nápoles.



Fig. 4 – Lygia Fonseca na Itália

Fonte: Espaço cultural da Escola de Sargentos das Armas

No trajeto de Natal para Dacar, ela retrata em seu livro sobre o intenso frio que passou na viagem e o desconforto na posição de dormir, ao lado de dois sargentos americanos. Um deles passava pelo mesmo sofrimento, então em um gesto de camaradagem ele tomou a iniciativa.

Esse sargento levantou-se e trazendo o seu cobertor, agasalhou-me. Senti nesse momento, com seu gesto de grande piedade, a presença de Deus! Era bem isso. Enquanto lá embaixo, os homens digladiavam-se, bem pertinho do céu, um jovem militar, qual outro samaritano, cujo gesto eu acabaria de sentir, tocou-me a alma profundamente! (Fonseca, 1980, p 65)

Este relato não se trata da fragilidade da mulher, mas sim do espírito de corpo que ronda os militares, principalmente em áreas de conflito, em momentos em que cada gesto significa muito e faz uma diferença em meio a tanto caos.

Seguindo viagem, Lygia, no terceiro dia, desembarca em Marrocos, e fica admirada com a cultura do país. Homens andando de camelo, vestuários específicos e tradições antigas, a enfermeira se deslumbrava com tudo ao seu redor. À uma e meia da madrugada seguiu viagem, novamente desembarcando no aeroporto de Oran, passando posteriormente pelo aeroporto de Argel e depois Tunis.

Enfim, às 16 horas, desembarcou em Nápoles, onde se situava parte do conflito da Segunda Guerra. A cidade vinha sendo destruída pelos bombardeios, o cenário era desolador e o povo italiano sofria as consequências do conflito. Como afirma Francisco César Ferraz,

quando chegaram a Nápoles, litoral sul da Itália, em 16 de junho, puderam perceber melhor as dimensões da guerra em que lutariam. O porto estava tomado de carcaças de embarcações abatidas, e na cidade havia uma babel de línguas, fardas e soldados de diversos países (Ferraz, 2005, p 52)

As enfermeiras receberam a visita de algumas companheiras e, em seguida, receberam o uniforme que deveriam usar. O uniforme era igual ao das americanas, esta foi umas das



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

exigências feita pelos Estados Unidos. Os mesmos, no início do envio das enfermeiras brasileiras, não aceitaram que estas fossem praças, admitindo somente oficiais. Por este motivo é que todas possuíam a graduação de 2º tenente, como afirma Oliveira et al. (2009, p. 690).

Após duas semanas em Nápoles, Lygia Fonseca partiu para Livorno. Seguiu de navio até o destino, destacando o forte enjojo que sentiu no trajeto devido ao balanço da embarcação. Com certo tempo achou já estar distante de Nápoles, mas ainda estavam na mesma cidade, a manobra executada era uma tática para despistar o inimigo que estava vigilante a qualquer movimento. Em seguida, seguiram então para Livorno.

Encaminhada para o *7th Station Hospital*, tomou posse da sua barraca, onde seria sua morada por um tempo indeterminado. Essas barracas eram compostas de luz elétrica e um aquecedor, já que o frio naquela região era intenso.

O responsável pelo corpo de saúde americano era o coronel Schmith. A tenente Lygia foi para a enfermaria 12, que possuía capacidade de 100 leitos. Sua chefe era a enfermeira Miss Johnson.

Nesses hospitais, as brasileiras ficaram agregadas às chefias de enfermagem americanas, as quais transmitiam suas ordens para as enfermeiras febianas através da oficial de ligação, que era brasileira. (Oliveira et al., 2009, p 694)

A carga horária no hospital era das 7 da manhã às 15 horas, e o outro era do meio dia às 19 horas. O expediente começava às 05h30min, o trabalho exigia muita atenção, havia horários regulados de medicação aos acamados.



Fig. 5 - Equipe norte-americana e brasileira no 7th Station Hospital

Fonte: Espaço cultural da Escola de Sargentos das Armas

Os hospitais estavam em um ambiente de guerra, a tenente Lygia Fonseca relatou em seu livro sobre momentos em que as luzes foram apagadas para se defender dos aviões que sobrevoavam os hospitais na tentativa de bombardear o local: "Quando havia luar, os americanos queimaram o óleo que produzia uma densa cortina de fumaça, para que toda a zona do hospital fosse protegida" (Fonseca, 1980, p 74).

Os militares feridos que chegavam ao hospital eram homens vítimas de diversos casos e envolviam muitas vezes procedimentos cirúrgicos. Ficavam sempre sob os olhares atentos das enfermeiras. Algo que auxiliava muito o tratamento dos pracinhas era a penicilina, considerada milagrosa na recuperação dos pacientes. O *7th Station Hospital* recebia os casos mais graves, isso aumentava o trabalho a ser realizado pelo corpo de saúde.

Decorridos cinco meses de trabalho, a tenente Lygia foi apreciar cinco dias de férias. Aproveitou o momento de descanso para visitar Roma, onde ficou impressionada com a arquitetura clássica, passou pela Basílica de São Pedro, Coliseu e visitou as catacumbas de São Sebastião. Estava na companhia de duas amigas, também enfermeiras da FEB, Acácia e Ilza Alckmin, e, no caminho, encontraram três sargentos brasileiros.



Fig. 6 - Lygia (1), Acácia (2) e Ilza (3) durante sua estadia em Roma

Fonte: Fonseca, op. cit.

Ao retornar dos dias de descanso, o hospital tinha um número expressivo de feridos, aumentando o ritmo do trabalho e diminuindo as horas vagas. Como relata Daniel Mata Roque (2022):

Em todo o efetivo da FEB o movimento nos hospitais foi intenso, tratando quase metade da tropa brasileira, incluindo feridos de guerra, doentes, acidentados e combatentes que trouxeram problemas pré-existentes de vários tipos, incluindo doenças tropicais, problemas dentários e doenças sexualmente transmissíveis.

Além de todo o serviço inerente ao hospital, todos deviam estar atentos, pois os ataques continuavam e ameaçavam a segurança do efetivo profissional e dos soldados acamados. A situação nos arredores do *7th Station Hospital* era tensa, a tenente Lygia Fonseca conta sobre a tentativa de alemães em desembarcar em Livorno, foram avisadas pelo soar do alarme, em seguida ouviram os canhões que se puseram a atirar, enfim foram impedidos de tal façanha. Essa invasão foi repelida graças à eficácia do radar, que denunciou a posição do inimigo.



Enquanto isso, as tropas brasileiras estavam se organizando para conquistar o Monte Castello, que ficava localizado em um terreno de difícil acesso na região do vale do rio Reno. Esse plano vinha sendo executado há dias, mas o avanço era dificultado pelos alemães. Como afirma Vinícius Brigolini (2022), em 12 de dezembro de 1944, foi o dia em que houve mais baixas na FEB: cerca de 150 mortes. As batalhas nessa data não obtiveram sucesso. Assim, no dia 21 de fevereiro, os pracinhas da FEB, juntamente com o Exército dos EUA, conquistaram a área onde fica localizado o monte CasteLlo e romperam com a “Linha Gótica” alemã.

Em contrapartida, o número de feridos aumentou significativamente, e grande parte deles foram para o *7th Station Hospital*.

Com a chegada de maior número de feridos, depois desse notável feito dos brasileiros, mais se trabalhou ainda; fiquei admirada da quantidade de injeções que eu deveria aplicar: 75 injeções. (Fonseca, 1980, p 86)

Com o fim da Guerra bem próximo, as alas do hospital iam ficando cada vez mais cheias, sendo necessário, em algumas situações, ocupar os corredores. A tenente Lygia Fonseca dedicou-se a salvar a vida desses soldados. Muitos combatentes já estavam nas enfermarias por algumas semanas; para distrair os soldados, em algumas ocasiões eram realizados shows de artistas americanos, assim, em meio a tanta destruição e tristeza, era possível um súbito momento de felicidade.

A Segunda Guerra Mundial na Europa terminou em maio de 1945. Lygia Fonseca permaneceu por duas semanas, antes de ser enviada de volta ao Brasil. No hospital ainda se encontravam alguns feridos. Ela devolveu todo o seu material, arrumou sua mala, fez os últimos ajustes e se despediu da Itália. Ali encerrava um trecho da sua vida que jamais se esqueceria e que se orgulharia dos serviços prestados como enfermeira da FEB.

E foi com grande emoção que despedimo-nos do major Sady Fisher, que sempre mostrou-se amigo das enfermeiras, tratando-nos como um amigo. [...] E assim, deixamos a bela Itália, depois de havermos cumprido o nosso dever e cooperado juntos, com os nossos aliados, dando o melhor dos nossos esforços. (Fonseca, 1980, p. 99).

Ao chegar ao Brasil, todas as enfermeiras que participaram da FEB foram dispensadas, e a maior parte delas voltou para seus antigos empregos no meio civil. Segundo a Lei nº 1209, de 25 de outubro de 1950, as enfermeiras da FEB seriam incluídas na reserva do Exército, no posto de 2º tenente, com o direito à percepção dos vencimentos dos postos em que foram arvoradas, desde a data da mobilização até a sua desmobilização.

Iniciou-se, então, um longo processo de luta por parte de algumas das enfermeiras da FEB, visando ao retorno às fileiras do Exército Brasileiro. Vale ressaltar que, nos anos em que as Forças Armadas Brasileiras participaram da Segunda Guerra mundial, não havia nas tropas ingresso para mulheres, sendo assim, as enfermeiras foram pioneiras neste ramo.

Lygia Fonseca durante esse tempo retornou para sua cidade natal, Três Corações-MG, e atuou como professora substituta em uma das escolas da rede estadual do município. Morava sozinha em um endereço no centro da cidade e tocava piano.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

Após sete anos do retorno da guerra, foi publicado a Lei nº 3160, de 1º de julho de 1957, que dizia o seguinte:

Art. 1º São incluídas no Serviço de Saúde do Exército, na situação de convocadas, as enfermeiras que integraram a Força Expedicionária Brasileira, durante as operações de guerra na Itália, nos anos de 1944 e 1945, no posto de 2º tenente.

Sendo assim, Lygia Fonseca poderia retornar ao Exército Brasileiro.

De acordo com boletim interno do Exército, Lygia Fonseca foi reincorporada no dia 25 de março de 1958, no Hospital Geral de Juiz de Fora, permanecendo na guarnição por 58 dias, e transferida no dia 10 de julho de 1958 para a Escola de Sargentos das Armas (ESA), sediada em Três Corações. O desligamento do Hospital Geral ocorreu no dia 14 de julho de 1958.

Como parte dos direitos dos militares, ela recebeu alguns dias de trânsito, com data de apresentação para o serviço no dia 21 de julho de 1958. Como 2º tenente enfermeira, ficou responsável pela enfermaria da ESA. De acordo com os boletins da escola, a tenente Lygia Fonseca foi elogiada diversas vezes por seus comandantes, na grande maioria pelo profissionalismo e dedicação ao trabalho.

Tendo em vista os êxitos alcançados tenho a satisfação de elogiar a 2º Ten Lygia Fonseca, enfermeira solícita, competente e dedicada ao serviço, tem prestado ótimos serviços à Escola, no setor da assistência médica. Compreensiva, muito educada, trata com extrema dedicação e desvelo todos aqueles que necessitam dos seus serviços, cooperando dessa maneira com o comando neste importante setor. (Elogio do Coronel Agenor Monte, publicado em 9 de janeiro de 1960, em boletim interno da ESA)

Fica evidente o profissionalismo e a competência da tenente Lygia Fonseca, auxiliando agora na formação dos sargentos combatentes do Exército. Ela permaneceu com o mesmo ardor que tivera nos hospitais de campanha da Segunda Guerra Mundial, onde ela também recebeu elogios por manter sempre em ordem o depósito de remédios, assim como o zelo com os acamados.

Lygia desempenhou seus trabalhos na ESA até o ano de 1960, quando passou para a reserva remunerada do Exército Brasileiro. Mas, de acordo com as fotos encontradas no acervo do Espaço Cultural da Escola, ela continuou participando de datas festivas no quartel, como convidada ilustre, ao lado de outros antigos integrantes da FEB.

A tenente Lygia Fonseca não se casou e não teve filhos, morou um tempo na casa de uma irmã e, depois do falecimento dela, foi morar sozinha em uma casa na área central de Três Corações. Aproveitou o tempo para escrever um livro, *Contando histórias*, que serviu como importante material para o início da pesquisa sobre a sua vida.

Nas memórias do período em que serviu na Segunda Guerra Mundial, ela sempre expressou saudade e orgulho. Lygia Fonseca foi a primeira mulher militar da Escola de Sargentos das Armas e exerceu seu cargo com garbo e competência.

Revivendo estas anotações, é com grande saudade, que lembro-me daquele tempo tão temeroso para o mundo, onde tive a satisfação de achar-me presente, exercendo o mister de socorrista; cumpre-me exter-nar a minha alegria, cooperando, embora modestamente e sem o tirocínio



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

necessário, mesmo assim com o pouco que pude auxiliar, sinto-me como uma pessoa realmente realizada. (Fonseca, 1980, p. 92).

A tenente Lygia faleceu no dia 25 de janeiro de 1992, aos 90 anos de idade. No final da vida foi acometida por um glaucoma, e seus últimos dias foram na casa do seu irmão. Mulher dedicada e destemida, Lygia Fonseca selou a vida com a força que os heróis carregam, não se limitou e se lançou em um dos maiores conflitos da História da humanidade. Como enfermeira da FEB cooperou com aqueles que mais necessitaram, como mulher, se lançou em um ambiente nunca antes ocupado pelo segmento e ajudou a abrir portas para as novas integrantes do Exército Brasileiro. Desse modo, Lygia Fonseca entra para o grupo seletivo de inspiração para as gerações futuras.

Não nos esqueçamos nunca, dos heróis de 1944-1945, que souberam com dignidade, defender o nome de um grande país, o nosso Brasil! [...] Sinto um certo orgulho de haver pertencido à Força Expedicionária Brasileira, embora como enfermeira, mas também, sentindo patriotismo, do qual muito me honro. E na gloriosa marcha para a vitória da liberdade, nessa magnífica arrancada histórica, cumprimento tão dignos brasileiros, guardas atentos da nossa Pátria! (Fonseca, 1980, p. 101-102).



Fig. 7 - Tenente Lygia Fonseca, no pós-guerra
Fonte: Espaço cultural da Escola de Sargentos das Armas



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, podemos trazer ao conhecimento público a história de uma das 67 Enfermeiras da FEB, não deixando esquecida a atuação das mulheres na Segunda Guerra Mundial. Esse importante papel, desempenhado por Lygia Fonseca também contribuiu para a vitória dos Aliados sobre os nazifascistas.

O trabalho aborda ainda o início do segmento feminino nas fileiras do Exército Brasileiro, o que ressalta o grande marco realizado pelas enfermeiras em 1944. Mesmo após serem dispensadas do serviço ativo, muitas delas lutaram pelo reconhecimento, o que resultou na volta de parte do efetivo feminino da FEB para a Força.

Este trabalho é inédito, foi iniciado com o auxílio de informações vagas e sem fundamentação teórica, exigindo uma busca mais detalhada e a procura de materiais que servissem de apoio para sua elaboração. No Museu e Espaço Cultural da ESA, conseguimos um breve resumo e um livro de Lygia Fonseca e algumas fotos dela em participação de datas festivas. Na Casa da Cultura da cidade de Três Corações encontramos somente uma foto e o mesmo resumo anteriormente citado.

O livro escrito pela própria Lygia Fonseca, com o nome de *Contando histórias*, publicado em 1980, foi de suma importância para o começo do artigo, nele ela contava sobre a sua vida, algumas passagens da família e do período em que esteve na Segunda Guerra Mundial. Vale ressaltar que o livro não possui muitos exemplares, acreditamos que, após a confecção, ela tenha distribuído somente para familiares e amigos próximos.

A elaboração deste artigo científico visa retratar o papel da enfermeira expedicionária Lygia Fonseca e sua colaboração nos hospitais de campanha da Segunda Guerra Mundial, assim como enaltecer o papel ativo das mulheres no conflito.

Esperamos incentivar o segmento feminino das Forças Armadas, assim como as futuras gerações de militares do mesmo sexo.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. *Decreto lei nº 6097, de 13 de dezembro de 1943*. Dispõe sobre a criação do quadro de enfermeiras da reserva do Exército. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrelei/1940-1949/decreto-lei-6097-13-dezembro-1943-416127-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 13 abr 2023.

BRASIL. *Lei nº 1209, de 25 de outubro de 1950*. Dispõe sobre a reserva das enfermeiras da FEB. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1209-25-outubro-1950-363505-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 20 abr 2023.

BRASIL. *Lei nº 3160, de 01 de julho de 1957*. Dispõe sobre a volta das enfermeiras da FEB às fileiras do Exército. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/207711>. Acesso em 31 mar 2023.

BRASIL. *Portaria Ministerial nº 4744, de 09 de agosto de 1943*. Dispõe sobre a criação da Força Expedicionária Brasileira. Disponível em: https://www.eb.mil.br/web/noticias/rss/-/journal_content/56/8032597/8748850?refererPlid=8035168&controlPanelCategory=current_site.content&utm_source=dlvr.it&utm_medium=twitter. Acesso em 15 abr 2023.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

BRIGOLINI, Vinícius. *Batalha de Monte Castelo*: o que foi, participação e muito mais. 21 fev. 2022. Disponível em: <https://militares.estrategia.com/portal/materias-e-dicas/historia/batalha-de-monte-castelo/>. Acesso em 20 mar 2023.

CANSANÇÃO, Elza. *Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo!* Maceió: Cian Gráfica e Editora, 2003.

FERRAZ, Francisco César. *Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Descobrindo o Brasil, 2005.

FONSECA, Lygia. *Contando Histórias*. : [s.l.]: Tipolitografia Escola Profissional, 1980.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, A. B. et al. *Memorias reveladas*: discursos de enfermeiras veteranas sobre su lucha por reinclusión en el campo militar. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/tYZSMWczRmgWGcmFJLsNpMP/abstract/?lang=pt>. Acesso em 23 fev 2023.

OLIVEIRA, A. B. et al. *Enfermeiras Brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial*: repercuções dessa participação. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/dggdPG5kkQSdYwvz6pTvPmK/abstract/?lang=pt>. Acesso em 22 fev 2023.

ROQUE, Daniel Mata. *A Veterana*. Rio de Janeiro: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2022.



Jeferson Dias é 3º sargento do Exército Brasileiro, servindo na Escola de Sargentos das Armas. É historiador, bacharel e licenciado em História pela Universidade de Franca, e possui especialização em documentação e acervo histórico. Encontra-se cursando pós-graduação em História Política e Psicanálise.